

## EDITORIAL

O Laboratório de História Antiga (Lhia) da UFRJ apresenta este primeiro número da revista **Phoïnix** de 2018, que contém o primeiro dossiê publicado pela revista, que se aprofunda a respeito do tema Etnicidade. Sete dos nove artigos deste número versam sobre as discussões acerca dessa temática, que tem sido exaustivamente explorada desde sua adoção nas ciências sociais anglo-saxônicas a partir da década de 1970. De início, tratou-se de um desenvolvimento da noção de *identidade*, amplamente debatida a partir da década de 1950 e marcadamente polissêmica, em especial quando associada à noção tanto complementar quanto antitética de *alteridade*. No mais, diferentemente do conceito de identidade, que se presta a análises tanto de grupos quanto de indivíduos, o de etnicidade se associa necessariamente à pertença a um grupo, variando em função do tipo de vínculo capaz de assegurar essa sensação de pertencimento.

Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998, p. 86) chamam a atenção para o fato de que, para alguns autores, “a etnicidade refere-se a um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, os costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça”. Outros estudiosos a definem em termos de comportamentos, de representações ou de sentimentos associados à pertença, ou, ainda, em termos de um sistema cultural, sendo a cultura entendida como, simultaneamente, um aspecto da interação concreta e o contexto de significação dessa mesma interação.

Para outros estudiosos, o conceito de etnia aparece associado à noção de percepção, isto porque as semelhanças só adquirem importância se forem consideradas significativas pelos que estão em causa e reconhecidas por outras pessoas. Assim, são destacados alguns atributos significantes na percepção da etnia, a saber: 1. origem ancestral comum, 2. cultura similar, 3. religião compartilhada, 4. raça comum e 5. linguagem similar. Porém, não podemos deixar de destacar que a aparência física, a linguagem, a religião e a cultura não podem ser consideradas necessariamente critérios para a classificação étnica, até porque não são suficientes.

É preciso ressaltar que a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles, sendo necessário que essa alteridade seja expressa e validada na interação social. Logo, a etnicidade depende de categorização, ou seja, da habilidade de dividir o mundo entre *nós* e *eles*, e esse processo joga logicamente com a produção e transformação de fronteiras. Elas são sempre mais ou menos fluidas, moventes e permeáveis, sendo que a sua manutenção baseia-se no reconhecimento e na validação das distinções étnicas no decurso das interações sociais. As relações de etnicidade serão analisadas no dossiê através de um recorte cronológico que se inicia no século VIII a.C. e abarca até o século I d.C. Houve, por parte dos autores, a opção pela análise da documentação literária de diversos gêneros.

O primeiro artigo é o de Graciela C. Zecchin de Fasano, que defende que a utilização “política” do mito como fundação de identidade tem um interessante precedente nas chamadas “biografias cretenses” da **Odisseia**. A autora não se limita a analisar os versos 172 a 184 da biografia contida no canto XIX. Ela elenca os vínculos cretenses de personagens da **Ilíada** e também recupera alguns elementos cretenses nas tragédias **Ájax** e **Filoctetes** de Sófocles. Por fim, também analisa referências nas obras de Heródoto e Tucídides.

Na sequência, Hesíodo ganha destaque no estudo de María Cecilia Colombani. A autora se dedica à reflexão acerca do trabalho, da virtude e da constituição de uma determinada etnicidade que abarque a configuração de um certo tipo de identidade, associada à conformação de um varão marcado pela prudência, no âmbito da inquietude pelo *ethos*.

A discussão sobre etnicidade no teatro grego é a tônica de dois artigos. María del Pilar Deagustini analisa a questão nas **Suplicantes** de Ésquilo. Estuda mais exatamente o impacto que vivenciou o grego ante o ingresso à cena do Heraldo dos egípcios. Já a **Medeia** de Eurípidés é analisada por Fábio Lessa e Guilherme Nogueira, que buscam entender a vulnerabilidade do estrangeiro na obra. Os autores discutem também a noção de etnicidade helênica e o *ethos* da heroína Medeia, que rompe com o modelo esperado para a mulher ideal na Grécia clássica.

O artigo de Luisa Buarque parte da análise do passo 262d1-3 do diálogo **Político**, de Platão. Nele, o Estrangeiro de Eleia adverte seu jovem interlocutor a respeito daquilo que, segundo ele, constitui um

erro comum entre os atenienses: “tomar a raça helena por uma unidade distinta de todo o resto, ao passo que ao conjunto das outras raças (que são inúmeras, distintas umas das outras e não falam a mesma língua), atribuir uma designação única, bárbaros”. Além da evidente crítica ao etnocentrismo de tal hábito, perpassa a fala da personagem outro tema politicamente relevante: o problema das concepções envolvidas em cada designação que, por costume, utilizamos.

Susana Marques propõe, em seu texto, analisar as relações de identidade e de alteridade a partir da leitura de excertos do livro III de Estrabão, a qual permite a percepção de elementos que estabelecem o contraste entre civilizado e bárbaro numa época de domínio romano na Ibéria, sob o olhar de um autor de origem grega que vive em Roma entre os reinados de Augusto e de Tibério, i.e., na transição entre os séculos I a.C. e I d.C.

Encerrando o dossiê, temos o artigo de Ana Thereza Vieira. A autora defende que os povos estrangeiros sempre despertaram curiosidade e o romano não seria indiferente ao se deparar com um povo desconhecido, habitante, talvez, de uma terra longínqua, com costumes e modos de vida diferentes dos seus. Plínio o velho, em sua **História Natural**, nos apresenta um repertório de crenças e histórias inusitadas acerca de diversos povos.

Dois artigos ainda compõem este número da **Phoînix**. O de Vagner Porto propõe demonstrar, priorizando uma documentação não literária, como as efígies de Augusto e os signa *imperii augustanos* presentes nas moedas produzidas na Hispania e Siro-Palestina propagandeavam o culto imperial, o Estado e seu guia, Augusto, garantindo-lhes mérito e prestígio. O autor defende que a estética foi, desse modo, posta a serviço da política. Já o texto produzido por Ana Teresa Marques e Rodrigo Oliveira estuda a poesia didática de Manílio intitulada **Astronomicas**. Manílio propõe o aprendizado do saber astrológico por perceber, nesse ensino, o melhor caminho para aqueles que desejam compreender a ação humana gerenciada por uma força cósmica criadora que compõe o próprio homem. Tal entendimento se torna possível para ele quando apresentado a partir de um prisma filosófico específico: o Estoicismo. Por isso, o artigo apresenta esse conhecimento, a fim de entendermos não somente a necessidade maniliana de ordenar seu tempo, mas de ensinar a respeito da conexão necessária entre o homem e a natureza (divina).

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, a uma leitura proveitosa dos artigos que compõem este número 1 da **Phônix** 2018.

*Os Editores*

### **Referência bibliográfica**

POUTIGNAT, Ph.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. UNESP, 1998. *Os Editores*